

INTERFERÊNCIAS DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO CUIDAR NO PERÍODO NEONATAL PRECOCE

RESUMO

O vertiginoso desenvolvimento das ciências biológicas e biotecnológicas conduziu a realizações extraordinárias que geraram no Homem a ideia de domínio sem limites. O que anteriormente era quase inatingível torna-se agora mais fácil, ou seja diagnosticar e tratar a doença. Aparece, deste modo, o diagnóstico pré-natal, a possibilidade de solucionar o problema da infertilidade, ou a possibilidade de reanimação continuada, provocando profundas alterações de valores. As alterações que as novas tecnologias impuseram na arte de cuidar, constituíram uma motivação para nos debruçarmos sobre esta temática.

Neste estudo, pretende-se fazer uma abordagem das novas tecnologias utilizadas no início da vida humana, especificamente ao nível da procriação medicamente assistida e do diagnóstico pré-natal. Interrogamo-nos sobre as limitações destas técnicas e sobre as condicionantes éticas da sua aplicação. Faz-se ainda uma abordagem às novas tecnologias no parto e no período neo-natal. Procurou-se esclarecer as implicações impostas pela utilização da técnica (a nível relacional, de prestação de cuidados e a nível de valores), na grávida, na criança e na sua família. Centramo-nos ainda na importância da humanização dos cuidados. Sendo a humanização dos cuidados de saúde uma atitude que diz respeito ao doente, constituiu o ponto de encontro para a nossa reflexão. Procura-se esclarecer a importância dos direitos da pessoa doente, especificamente da criança e da grávida, analisando a importância do cuidar como factor de humanização de cuidados e a comunicação como factor de relação entre o profissional de saúde e o doente.

Concluimos que a comunicação/relação é o factor que mais se alterou com o desenvolvimento tecnológico. Se, por um lado, parece haver maior domínio do corpo, com a luta contra a morte, por outro, passa a haver cada vez menos tempo para a relação afectiva entre os profissionais e os doentes. Cuidar o doente implica estar atento, disponível, criando uma relação de empatia, de modo a humanizar a doença. A vertente “relação humana” tem por isso que ser repensada no acto de cuidar, quando se assiste aos avanços tecnológicos a um ritmo vertiginoso.

Estabelecer uma relação com o doente é criar uma empatia e com sensibilidade atender ao seu estado de doença. Reconhece-se que com as rotinas, com as exigências do serviço e da instituição, o tempo torna-se curto para se criar uma relação de empatia. Porém, também é verdade que os profissionais de saúde se refugiam nesta "falta de tempo", para esconder a sua própria fragilidade. Sendo a comunicação fundamental para o relacionamento humano é também o pilar da eficiência dos cuidados de saúde. A pessoa doente sem comunicação sente-se isolada. O profissional deve ter a capacidade de ouvir, compreender, estar atento e interessado e, fundamentalmente, respeitar a pessoa humana.